REFLEXÃO

NUNCA É TARDE DEMAIS

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO

Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)



Há muros que só a paciência derruba,
e pontes que só o carinho constrói.

Cora Coralina

AS REVOLUÇÕES agrícolas moldaram o mundo, mudaram o homem. Ninguém trabalhou melhor esse tema que o historiador Yuval Noah Harari, com os seus livros e análises. Diz ele que a "humanidade silenciou animais e plantas e transformou a grande ópera animista num diálogo entre o homem e os deuses. No decorrer da revolução científica, a humanidade silenciou também os deuses. O mundo transformou-se em um *one-man show*".

Desde então, o *Homo sapiens* domina na Terra e passa a sofrer com aquilo que não conhece: Esparta derrotou Atenas graças a uma terrível praga; a peste bubônica (1330) na Ásia e na Europa; a gripe espanhola (Primeira Guerra Mundial); a SARS, a MERS, a gripe aviária, a gripe suína e o ebola. Mesmo assim, países fazem **cortes de orçamento para a saúde**. Em 2020, surge o vírus da COVID-19, com uma força impressionante!

Antes da pandemia, havia discussões sobre a globalização, com ataques dos EUA, mas com a imensa maioria das análises focando em quanto o mundo havia melhorado com ela. Completamente interconectado, apenas com alguns fios soltos (Venezuela, Coreia do Norte e outros), uma imensa liquidez e falta de projetos, o mundo é alvejado com uma pandemia em que países ricos e em desenvolvimento fecharam suas sociedades e suas economias de forma sem precedentes na história. Na esteira do desespero das perdas, os governos assumem custos imensos e déficits fiscais assustadores, e as sociedades passam a viver de perspectivas como a de que a pandemia deve se tornar endemia (gripes), mas, também, o temor de que outras pandemias virão.

Fareed Zakaria, no seu livro "Dez lições para o mundo pós-pandemia", cita Lenin, que teria dito que "há décadas em que nada acontece, e depois há semanas em que décadas acontecem". Essa aceleração da vida nem sempre é salutar! Há exatos dois anos, vive-se esse desastre viral. No entanto segue a vida, de um modo ou de outro, as tecnologias brotam e os desejos políticos vão surgindo.

As eleições de 2022 no Brasil estão aí, e os candidatos deveriam priorizar o déficit fiscal e dar atenção ao alerta do baixo crescimento. Apertar os cintos, sem populismos, e investir no agro e na indústria – suportados por uma acelerada nova tecnologia digital –, com as essenciais reformas administrativa e tributária, estaria no cerne de um Programa Brasil Competitivo, em que a sustentabilidade é parte fundamental, assim como a produtividade total dos fatores. Seria um Governo preocupado com a saúde e a educação.

Recentemente, estive com os ministros Tereza Cristina e Joaquim Leite, atores essenciais em ações que trarão a correta narrativa do que é o Brasil competitivo, resiliente e protagonista na geopolítica do agronegócio.

Somos, de fato, uma potência agroambiental e seremos o número um no Planeta em produção, conservação e tecnologia tropical no agronegócio.

Às vezes, é trabalhoso; às vezes, é penoso. Mas, certamente, é fundamental. É importante salientar que nunca é tarde demais! Não é tempo de esperar. Não é tempo de reagir; é tempo de proatividade. ■

Os ministros Tereza Cristina e Joaquim Leite trarão a correta narrativa do que é o Brasil competitivo, resiliente e protagonista na geopolítica do agronegócio.